Aparato de artista: iluminuras indestináveis

Davi Assunção dos Santos[*]
Moisés Oliveira Alves[**]

RESUMO
A proposta de análise literária desenvolvida no presente trabalho segue por uma perspectiva teórico-crítica performática, na qual apropria-se do objeto de pesquisa de forma a percebê-lo e reconstruí-lo como material artístico. Deste modo, nessa pesquisa, realizou-se a apropriação do gênero carta para o desempenho estrutural das abordagens que entrelaçam teoria e escrita poética, arte e pensamento, uma tentativa de dar ao trabalho contornos estilísticos os quais se aproximam da forma de escrita muito utilizada pelo poeta Manoel de Barros (Cuiabá, MT, 1916 – Campo Grande, MS, 2014) - uma maneira aqui adotada para homenageá-lo; além de afirmar outras possibilidades de análise teórico-crítica de textos literários para o âmbito acadêmico, que visem evidenciar tanto as potencialidades do objeto trabalhado quanto a necessidade de se responder artisticamente à obra. Essa publicação traz parte dessa pesquisa, uma reflexão sobre o devir, envolvendo o campo da literatura, da filosofia e da arte, para a elaboração do que vem a ser denominado aqui por "ato de criação".
PALAVRAS-CHAVE: Carta; Escrita poética; Manoel de Barros; Ato de criação

[*] Licenciado em Letras – UNIJORGE
[**] Mestre e Doutorando em Literatura e Cultura – UFBA, professor na UEFS e na UNIJORGE

ANTE CARTA: ENTRE O ENCONTRO E O GESTO, A CRIAÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES

Figura1[1]

A imagem é de um entardecer intenso. A cor azul desenha o horizonte sobre a despedida da luz em céu alaranjado. De olhos serenos e inclinados, de linhas trêmulas e incompletas, o horizonte dá forma a um sujeito que pede ajuda. É assim que o reconheço, neste gesto2 familiar, movimento inesperado do corpo, revolucionário e ao mesmo tempo minoritário. Ele estende a sua mão para alguém. Penso que, dentre muitos, fui um escolhido, e assim nos encontramos.

Diz-se que forças aliadas se encontram de um outro modo: aquele que vai à procura do objeto, coisa, forma, tendo consigo a memória deste outro, é, sim, um privilegiado, dentre muitos ele é o sujeito com maior probabilidade de encontrar o que

[1] Figura 1 – Capa do livro *Escritos em verbal de ave*, 2011. Fonte: Foto da capa original.

[2] Nota para o *gesto***:** outro corpo ou imagem que se coloca entre duas ou mais pessoas, formas, estabelecendo entre elas uma comunicação, respeitando os seus limites. O gesto é um acontecimento que se constitui no plano de imanência, em um movimento que direciona as forças para fora. Nesta perspectiva, o gesto está presente tanto na cena do pedido de casamento, quanto no beijo do traidor, ambos surgem do inesperado para um dos corpos que responderá de alguma forma, sim, o gesto pede sempre por resposta, na qual se é preciso modular, uma operação necessária que possibilite novos caminhos para os corpos. (LIMA, 2013)

procura. Contudo, forças aliadas se encontram por natureza. Não são só formas que se procuram, mas forças que tendem, inevitavelmente, ao *encontro*[3]: uma criança que perece ter se perdido de sua mãe e que a procura, no entanto, eles se esbarram em um tempo e espaço inesperado. Forças que se encontraram por acaso, por escolhas anteriores. Há um desejo de estarem juntas, e, por isso, se escolhem. Ao escolher a forma, fui escolhido por ela, pelo que ela deixa escapar e que me é estranho e que me compõe. Sua estranheza foi o nosso ponto em comum - já me sinto parte deste processo, o início de um contentamento.

Ajudá-lo é aceitar o convite ao encontro, com a coisa e com a sua memória, seu espaço de desejos e alegrias, ao passo que pegar a sua mão é suspendê-lo, tirá-lo do chão. Neste momento, preciso imaginar que o meu corpo também flutua, caso o contrário, estaria muito preso para seguir, e sujeitos como este querem de nós que participemos um pouco mais. Algo como ser transformado durante o ato criativo. Catarse do artista em produção. Sua metamorfose. Este que suspende a técnica da escrita inicial e deixa-se desviar, "*tremer a mão*" (AGAMBEN, 2018a), e assim permitir-se ir, estando ele assujeitado ao processo de escrita da obra. É esta a proposta do objeto poético. Nunca um mero hábito de escrever ou de ler, mas de acompanhar a obra em seu *por vir*. A *deriva* em seu estado mais potente. Gesto político de resistência do contemporâneo: libertar a potência criadora, a dobra artística aprisionada pelas formas fixas. O que parecia estar ligado aos conceitos que atribuem o processo criativo às forças exteriores, à metafísica, ao plano transcendental que passa a habitar o consciente do escritor, é agora muito mais imanente, um elo que nós artistas pensadores assumimos no ato de produção. Ambos necessitam instaurar formas-de-vida possíveis e impossíveis, em que a língua é "o fio que permite o toque entre as forças do livro e do *participador*".[4] O poeta é aqui o criador de uma língua estrangeira em sua própria língua.

---

[3] Nota para os termos *encontro*/*devir* - efeito daquilo que se pode faiscar, criar atrito. Aproximação imperceptível das potências combinatórias dos corpos, na perspectiva das sensações. Diz-se de uma necessidade das forças em estarem próximas, em trocarem farrapos, emendas, tudo que seja provisório, porém intensivo, suas *potências mínimas*. O andarilho e a estrada é assim encontro e devir, ambos se cedem ao mesmo tempo que se servem um do outro no ato de percorrer, compartilham suas vontades, desejam-se, sem perderem o que é forte em suas respectivas possibilidades: o andarilho em densidade, a estrada em extensão, não se unem, nem se perdem para serem alguma outra coisa, mas rastejam o pé, ou o chão, duplo caminho que deixam marcas e criam um lugar de não pertencimento. (DELEUZE E PARNET, 1997)

[4] Nota para o "participador": Segundo a perspectiva da artista "propositora" Lygia Clarck, o participador é aquele que está em uma outra relação com o objeto de arte, na qual outros sentidos do sujeito são acionados durante a cena artística. Este que, durante a "exposição", passa da condição de observador para

Pensar a obra poética é um ato político, disse o artista[5], e agora o compreendo. Neste processo de escrita-análise poética, permito-me experimentar a mim mesmo, mantendo-me em uma relação de potência com a obra em acontecimento. Encontros que deslocam o artista, tornando-o sujeito anônimo, vivente de uma nova vida a cada nova criação. Relação entre vida e obra. Intimidade entre os reinos humano e inumano.

É por amor que aceito o seu convite. Seu gesto, seu modo de olhar. Me reconheço e ao mesmo tempo não me vejo mais presente. Percebo que, desde então, a proposta é sempre um ausentar-se, a criação de uma não-presença que acompanha a todo artista que cede, por amor, à coisa amada. Faço deste espaço um lugar de pertencimento de todos e de ninguém (presença-ausência), e assumo aqui toda a essência da *potência criadora* (AGAMBEN, 2018a). São formas que vão ruindo no decorrer deste processo, deixando escapar as suas singularidades e adotando o que é singular no outro até que as forças em sua completude não mais existam, mas se entrelacem, se toquem. *Roçar* é a palavra deste tempo, *desencontrar-se* é o termo que o poeta em análise adota, participar um pouco mais, eu diria. A combinação entre os corpos é o que nos tornam *aliados*, eu e a forma desenhada na capa do livro. O alguém materializado que me atraiu para o encontro. A isto chamo de amor. Talvez sejam cartas de amor estas que dedicarei ao poeta Manoel de Barros. Estou disposto a tal gesto.

Continuo ainda nas etapas deste contato com o objeto encontrado. De mãos dadas à forma, abro o livro vagarosamente. Neste novo gesto as minhas impressões são deixadas na obra, ao mesmo tempo que ela deixa as suas em meu corpo. Doação mútua, entrega simultânea. Parte minha que vai ficando e captando outras. As duas mãos dadas definham-se. Muita coisa envolvida. Uma infinidade de encontros, de experiências em um só gesto é deixada comigo e com ela. Experimentação. No plano do corpo, o calafrio; no plano do pensamento, imagens que são criadas de uma perspectiva íntima, nossas particularidades se tocam e se deixam tocar pelas mãos. A transição é corpórea mesmo. Tensões que são descarregadas com o toque. Sobra para a linguagem que tenta descrever a imagem e sofre

a de *co-autor* da obra em acontecimento. Nesta função de participador, o sujeito e a obra perdem consistência, representação, e somente no contato entre ambos os corpos (do sujeito e da obra), ganham suas existências, sendo estas "*totalmente indissociáveis*", em que "*sujeito-objeto se identificam essencialmente no ato*." (Trecho dos Diários, 1965). Participar é assim colaborar ativamente para a criação, e, apenas desta forma, ela poder vir a acontecer.

[5] Refiro-me ao meu orientador, Prof. Mestre Moisés Alves.

suas alterações, é contorcida. São "versos poéticos que sofrem de uma instabilidade forte"[6], teoriza o poeta que utiliza o pantanal como matéria prima para sua poesia.

Abro o livro e percebo que entre nós há um abismo muito grande. A passagem é estreita, mas já não se pode olhar para trás. Neste abismo, as forças obedecem ao fluxo, seguem um ritmo indefinido. Seria este o vazio a ser preenchido pelo poeta? Ou antes, um lugar de habitação das forças em seu estado primitivo, virtual? Se esta última questão é verdadeira, cabe uma outra: o que põe o poeta Manoel de Barros neste vazio para dialogar com tais forças presentes-ausentes? Debruço-me nesta superfície, deixando que ela prolifere em mim toda sua possibilidade. Estou confiante, pois ela sabe quais os caminhos que posso seguir: o da deriva, o dos planos onduláveis, o dos territórios em que as virtualidades ganham espaço de vida, onde a forma traça seu modo singular de existência.

É preciso produzir novas crenças no mundo. E eu acredito neste encontro como pouco acreditei na vida anterior a ele. Sou um agente amador, submisso ao que este encontro quer de mim. São bons fantasmas, eles não vão me fazer mal. É a minha certeza. Por isso, sigo neste itinerário a duras penas de que não encontrando nada, estarei mais próximo à coisa, e que, estando perto, farei parte desta comunidade de virtualidades, a irmandade dos profetas (profetas nômades, diria o poeta), dos agentes que deixaram-se ser tocados pela forma e se transformaram, aceitaram o ritual de iniciação e, junto ao *estado criativo*, todo um bando, uma manada de forças vão nos acompanhando. Afetar e ser afetado. Manancial de efeitos potencializadores, dos que levam a natureza dos corpos ao estado maior de perfeição, como propõe Espinosa. Ética desejante do artista: promover encontros que aumentem a sua potência de agir. Nem que para isto o poeta precise doar-se, emprestar-se quanto possibilidade para que algo apareça: "Queria ser a voz em que a pedra fale" (BARROS, 2008), este é o nível de entrega de Manoel de Barros.

Cabe, portanto, ao artista, a criação de um meio habitável diante das impossibilidades existentes. Repito: a língua é aqui o fio que permite o toque. Sei que as possibilidades não podem ser criadas de uma mera ideia, pois continuaríamos ali, parados, com a ideia na mão, sem poder utilizá-la. O pensamento precisa ter morada na necessidade, ainda que seja a partir de uma impossibilidade. É muito mais o que ele me oferece, preciso retribuí-lo a altura, algo como a *instauração* de um pensamento, segundo

[6] Documentário com Manoel de Barros - *LÍNGUA DE BRINCAR*.

Giorgio Agamben (apud PELBART, 2016), a afirmação da sua incompletude, do seu estado mínimo de existência. É preciso produzir, junto à força, este espaço minoritário para conquistá-la. Fazer do corpo do artista a passagem possível para a forma ser instaurada, é o que busca os agentes desta irmandade de profetas nômades, conquistar um lugar de intensidades, onde a forma possa desabrochar. "A palavra desabrocha em mim"[7]. Aqui o devir é sempre mais possível. Encontrei-me com a forma e estou devindo. O contemporâneo clama por um devir mútuo, do artista e da coisa em arte. Poeta e coisa em poesia agenciando uma série de devires subsequentes. Criando novos territórios para a passagem dos profetas nômades e seus aliados. Cabe ressaltar que estar em devir é um gesto menor, no sentido de que não atende às forças hegemônicas, aos espaços do centro, modelos dos demais. O devir é o estar sempre a margem de, no (entre)linhas, lugar de ausência das profundidades e presença das superficialidades, do vazio já dito. Um produto muito mais estranho, ou seja, que foge às características padronizadas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**. São Paulo, Boitempo, 2018a.

BARBIERI, Cibele Prado. Lygia Clark, da vida à arte e de volta à vida. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 31,p.36-42, out. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100 34372008000100005&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 07 jun. 2019.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002

BARROS, Manoel de. **Escritos em verbal de ave**. São Paulo: LeYa, 2013.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros: poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013. p. 480.

BARROS, Manoel de. **O guardador de Águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998b.

[7] Documentário sobre Manoel de Barros: *Só um por cento é mentira*.

BARROS, Manoel de. **O livro da ignorãças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CASTELLO, Lucia Branco e SANNA, Gabriel. **LÍNGUA DE BRINCAR**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xvz14rthe3M> Acesso em: dia 19 abr. 2019.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

GIACÓIA Jr., Oswaldo. **Agamben. Por uma ética da vergonha e do resto.** São Paulo, N-1, 2018.

Laboratório de Sensibilidades. **Uma subjetividade é uma dobra do fora (transcrição de fragmento de áudio).** Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/03/22/uma-subjetividade-e-uma-dobra-do-fora-transcricao-de-fragmento-de-audio/>. Acesso em: 20 maio 2019.

LIMA, Dani. **Gesto: Práticas e Discursos**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013, p.248.

Ocupação Manoel de Barros / Organização Itaú Cultural; Ilustrações Manoel de Barros. São Paulo: Itaú Cultural, 2019

PELBART, P-P. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, p.345, 2013.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. ***Cérebro-Ocidente/Cérebro-Brasil*: arte/escrita/vida/pensamento/clínica ---- tratos contemporâneos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Circuito:FAPERJ, 2015. v. 01. p.237**.**

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção e roteiro de Pedro Cezar. Autor. Rio de Janeiro: Artezanato eletrônico e Downloun Filmes, 2008, 76 min, português.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. **Revista Cult: canal e expressão pública da produção intelectual**. Entrevista com Manoel de Barros, publicação: 14 de dezembro de 2012, nº 175.